

REVISITANDO PERFORMANCES COMO OPORTUNIDADES PARA O ESTUDO DAS MOBILIDADES TURÍSTICAS

Revisiting Performances as Opportunities for the Study of Tourism Mobilities

JACIEL GUSTAVO KUNZ¹

RESUMOⁱ

Com influência significativa desde as suas origens até os dias de hoje, a teoria do olhar turístico [OT] tem levantado questões enraizadas nas limitações do ocularcentrismo ocidental na compreensão da experiência turística. Em resposta a essas críticas, alguns estudiosos introduziram a ideia de 'performances' e performatividades, reposicionando assim a corporeidade dos sujeitos na investigação em Turismo. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é revisitar as performatividades [e/ou Performance] como dispositivos analítico-conceituais para o estudo das mobilidades turísticas [MTs]. Para isso, revisa formulações em performances turísticas, em linha com o paradigma das novas mobilidades [PNM], apoiando-se em conceitos ou ideias relacionadas, a partir de literatura disponível em inglês. O esforço é transdisciplinar, pois os autores referenciados atravessam campos / ciências sociais diversas. Este artigo analisa e divulga um conjunto de produção estrangeira, visando problematizá-la no campo dos Estudos do Turismo no Brasil, em particular, e nos países ibero-americanos em geral.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Performances; Mobilidades; Olhar do Turista; Estado da Arte.

ABSTRACT

With significant influence from its origins to the present day, the theory of the tourist gaze [TG] has raised questions rooted in the limitations of Western ocular-centrism in understanding the tourist experience. In response to these criticisms, some scholars have introduced the idea of 'performances' and performativities, thus repositioning the corporeality of subjects in tourism research. In this context, the aim of this study is to revisit performativities (and/or Performance) as analytical-conceptual devices for the study of tourism mobilities [TMs]. To achieve this, it reviews formulations in tourist performances, in line with the new mobilities paradigm [NMP], drawing on related concepts or ideas from literature available in English. The effort is transdisciplinary, as the authors referenced traverse various fields/social sciences. This article analyzes and disseminates a body of foreign production, aiming to problematize it within the field of Tourism Studies in Brazil and Ibero-American countries in general.

KEYWORDS

Tourism; Performances; Mobilities; Tourist gaze; State of the art.

¹ Jaciel Gustavo Kunz – Doutor. Professor na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Santa Vitória do Palmar-RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3082574114190162>. E- mail: jacieltkunz@gmail.com

INTRODUÇÃO

A excitação característica deste tempo de mobilidade e turismo forja novas relações sociais, novos modos de vida, novos vínculos com o espaço e novas formas de lazer (Franklin & Crang, 2001). O princípio é de que o turismo é componente central da vida social contemporânea, não mais, ou não necessariamente, algo exótico ou facilmente delimitado (Franklin & Crang, 2001), merecendo, pois, papel destacado na teoria social e na ciência geográfica. Nesse sentido, o chamado ‘giro performativo’ nos Estudos Turísticos explora conexões entre o turismo, o cotidiano e o Outro nas-das relações humanas (Larsen & Urry, 2011). Performances são repetidas, especificadas nos movimentos, e altamente restringidas pelo tempo (Urry & Larsen, 2011), a partir das (in)determinações dos chamados regimes sensoriais (Edensor & Falconer, 2012). As performatividades vêm sendo consideradas uma das questões e teorias centrais na discussão sociológica no Turismo na última década (Cohen & Cohen, 2012b), aos poucos adentrando o campo, juntamente a questões cognatas, como teoria das práticas e teoria do ator-rede (Cohen & Cohen, 2017, Lamers et al., 2017).

Um dos clusters temáticos dominante ao longo da última década nos Estudos Turísticos, as performances estão vinculadas a aspectos como a fotografia e as ‘encenações’ (Koseoglu et al., 2019). “Dado que a abordagem da performance começa a proporcionar bases teóricas para discursos mais variados, é justo sugerir que uma revolução de alguma forma ocorreu.” (Koseoglu et al., 2019, p. 10, tradução nossa). Há uma conexão desse domínio com referências às mobilidades turísticas – MTs, especialmente a partir de Hannam, Butler e Paris (2014).

Entretanto, parece não haver grande questionamento sobre se o giro performativo traz, ou não, transformações no modo como compreendemos o turismo, seus lugares e seus sujeitos. Aliado a isso, parece haver um descompasso entre produção nacional e estrangeira em Estudos Turísticos e MTs. Em periódicos ibero-americanos do Turismo e áreas correlatas (Publicações de Turismo, 2022) e anais do Seminário Anptur (Anptur, 2022), a busca por ‘performance’ⁱⁱ no título tem como resultado 92 trabalhosⁱⁱⁱ relacionados a desempenho organizacional, relacional, operacional, dos negócios, da cadeia de suprimentos, da demanda, e/ou indicadores financeiros, de exportação ou atuação profissional. Os estudos são voltados às seguintes áreas: hotelaria, resorts, agenciamento, clubes esportivos e seus times, destinos, ecoturismo, turismo de aventura, plataformas de economia compartilhada, serviços públicos, hospitais universitários e turismo médico – ou seja, aparece sob o olhar gerencial do Turismo (Airey et al., 2015). As pesquisas são de países como Brasil, Portugal, Espanha e Turquia. Dentre os artigos de periódico

resultantes da busca, apenas Carvalho (2011) aciona a Teoria da Performance como possibilidade de compreensão das relações entre turismo e cultura, centrando-se na performance dos visitados.

Diante disso, o objetivo do trabalho é revisitar as performatividades [ou a Performance] como dispositivos analítico-conceituais para o estudo das MTs, difundido o conhecimento disponível para o contexto do Brasil e da península Ibérica, nos Estudos Turísticos e campos correlatos. O trabalho é de carácter conceitual. Tem-se reivindicado o status de legitimidade da pesquisa conceitual em Turismo, para além das abordagens quantitativas, ou da revisão de literatura propriamente dita (Kirillova & Yang, 2022). O trabalho caracteriza-se, pois, como revisão de literatura não sistemática, embora ampla, a partir de corpus de artigos de periódicos estrangeiros, em língua inglesa, além livros e/ou capítulos de livro, que atentem para o surgimento e o desenvolvimento nos estudos sobre performance turística [especialmente do turista] nessas fontes de dados secundários.

Para tal, faz-se necessário: entender como a teoria do olhar do turista [OT] *se move* para abarcar outras dimensões da experiência corpórea do turista; detectar quando e como surgem os estudos seminais voltados a corporificações no turismo; compreender como o enfoque das MTs incorpora esse conceito, e assim amplifica suas contribuições. Após, questiona-se se as performances ou performatividades (ainda) figuram como ideia central nas MTs, a que se seguem as considerações finais do trabalho.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA

A mobilidade do OT^{iv} - O código visual do turista é pautado na decifração do mundo por meio do simbólico, do lúdico, configurando uma despreziosa descoberta do espaço (Pimentel & Castrogiovanni, 2015). O OT tem como característica conectar signos e objetos referentes, passíveis de serem identificados (Larsen & Urry, 2011). O consumo visual, de carácter simbólico, ocorre ao longo de encontros turísticos, que tratam de visualidades corporificadas (Crouch, 2006; Crouch & Lübbren, 2003).

A teoria do OT, na sua formulação original, propõe a investigação do consumo visual de um destino ou atrativo a partir de um senso de superioridade por parte do turista (Samarathunga & Cheng, 2021), ainda que este falhe ao reconhecer tal característica (MacCannell, 2001). Já na teorização original (Urry, 1996), há um OT romântico – marcado pela visualização solitária, pela imersão e pela admiração, envolvendo a atribuição de um sentido de aura à paisagem (Urry,

1999) – e, em contraposição, o OT coletivo – atividade de grupo, a partir de encontros compartilhados, voltando o olhar para o familiar (Urry, 1999). O OT é aquele remanescente da perspectiva linear^v, surgida na Renascença (MacCannell, 2001). Além dessas características, viaja-se a lugares previamente organizados para o OT, e buscam-se vistas já consagradas (MacCannell, 2001).

Nesse sentido, o olhar é desenvolvido, produzido e utilizado dentro de regimes de visibilidade^{vi}, os quais, mais parciais que o olhar, “nos informam sobre o que deve ser visto, como aquilo que é visto deve ser entendido e, simultaneamente, o que não merece ser visto” (Gomes, 2013, p. 52), fornecendo as condições necessárias para a interpretação do que está sendo exposto, a sua legitimidade. O ocularcentrismo vigente no conhecimento e na percepção ocidental, em geral, e na análise das experiências turísticas, em particular, já fora amplamente discutida por outros autores [ver o exemplo de Scarles, 2014] e, portanto, não serão objeto de análise. De todo modo, retome-se que a obra *O Olhar do Turista* (Urry, 1996) não passou incólume a essa crítica (Knudsen, Soper & Metro-Roland, 2007). Após período de retextualizações do próprio autor, acompanhado de outros [anos 1990 e 2000], novas acepções surgiram e foram complementadas, como a ideia do ‘segundo olhar’ – sugerindo considerar imagens escondidas em um destino (MacCannell, 2001), e mais recentemente, o olhar GoPro (Vannini & Stewart, 2016) e o olhar aeromóvel (Rink, 2017), apenas para citar alguns.

Uma tese posterior do OT, distinta da inicial, procura sustentar que o olhar não é o único sentido envolvido na experiência turista, e que sequer havia sido essa a intenção inicial; contudo, seguiu-se por certo tempo afirmando que o olhar é o sentido organizador de tal experiência (Larsen & Urry, 2011), ao que se sucedeu nova onda de questionamentos sobre a perpetuação do ocularcentrismo nos Estudos Turísticos (Edensor, 2018). A delimitação e hierarquização da percepção humana em cinco sentidos, herança aristotélica, ainda parece persistir (Cohen & Cohen, 2017). Contudo, são hoje ampliados para a sinestesia e propriocepção [senso de movimento], e o vestibular [senso de equilíbrio], dentre outros. Apesar de reveses, retextualizações, e a partir de pluralizações, a noção do OT segue sendo abordada em trabalhos publicados em periódicos relevantes, mesmo já tendo passado mais de trinta anos (Samarathunga & Cheng, 2021), sendo inclusive recentemente empiricamente desenvolvido (Cilkin & Cizel, 2022), como elemento demarcador dos encontros turísticos, de caráter estético e performático (Kunz, 2021).

Em geral, os trabalhos corroboram a proposição de que não há olhar turístico universal, mas um senso que se altera de acordo com o tempo, o espaço e o grupo: há numerosos modos de olhar os lugares, que são consumidos diversamente, de acordo com habitus e disposição dos turistas (Urry & Larsen, 2011). Assim, a versão 3.0^{vii} do celebrado O Olhar do Turista – recentemente traduzido para o Português brasileiro (Urry & Larsen, 2021) –, repensa o OT também à luz da virada performativa, ao desenvolver uma abordagem relacional que, dessa vez, reconhece a interseção dos sentidos nos encontros dos sujeitos com os lugares turísticos (Larsen, 2014).

Corporificações nos Estudos Turísticos - As imagens podem desdobrar algumas características dos encontros turísticos, mas não os prefiguram: trata-se de engajamentos contingentes com os objetos, nos quais a produção e a visualização de imagens adquirem caráter de práticas corporificadas (Crouch & Lübbren, 2003). Diante disso, os turistas não correspondem a olhos viajantes desincorporados (Urry & Larsen, 2011). A corporificação é uma relação expressiva com o mundo, em devir (Thrift, 1997 apud Cohen & Cohen, 2012b).

O turismo é considerado um dos principais modos pelos quais os sujeitos vêm cultivando experiências ambientais e culturais nos últimos 200 anos (Löfgren, 1999). Contudo, só mais recentemente se destaca o fato de os turistas experienciarem destinos de modo multissensorial, também envolvendo sensações corpóreas e afeto (Urry & Larsen, 2011). O turismo oferece uma gama de estímulos físicos e sensoriais que reafirmam a natureza corporificada na vida humana no-do mundo (Hannam et al., 2021), possibilitando aprender novas habilidades sensoriais em lidar com diferentes impressões, aprendizado este resultado do capital cultural do turista (Edensor, 2018). Há um contínuo entre pensamento e sentimento em certas práticas de turismo e lazer (Crouch, 2006).

Ao conceber o corpo como fundamental para as práticas de turismo e lazer (Crouch, 2006), fazem-se notar as contribuições de Maurice Merleau-Ponty, conhecido como ‘filósofo do corpo’. Para ele, o corpo é base para o conhecimento e, portanto, modo básico de intencionalidade, entrelaçando decisivamente corpo e sujeito (Adey, 2010; Cresswell, 2002). “O corpo-sujeito é a capacidade inerente do corpo de dirigir comportamentos da pessoa inteligentemente, e assim funciona como um tipo especial de sujeito que se expressa em um modo pré-côncio geralmente descrito por palavras como 'automático', 'habitual' e 'mecânico'” (Seamon, 1980, p. 155, grifos do autor, tradução nossa). Desse modo, o corpo-sujeito experimenta o mundo a partir de fenômenos – o que ocorre antes de qualquer pensamento reflexivo ou côncio –, rejeitando-se a ideia de que a consciência e a representação determinam a intencionalidade. O corpo móvel

não apenas se encontra contido no espaço-tempo, mas atua como intermediário ativo entre sujeito e mundo, tornando-se um estrategista espontâneo, na medida em que conhece, compreende, julga e reage simultaneamente (Adey, 2010).

Entretanto, por longo tempo, persistiu o tratamento teórico dado aos turistas que lhes restringia como observadores passivos, e não como agentes ativamente engajados com o ambiente físico, a partir de todos os seus sentidos humanos (Cohen & Cohen, 2017). Dentro da performatividade das subjetividades, e da ocorrência do sentido, ocorre o engajamento corpóreo do turista com as paisagens no-do mundo (Canavan, 2020; Crang, 2007; Wylie, 2007). Veijola e Jokinen (1994) foram precursoras nos estudos das corporificações no Turismo, em termos de publicações largamente difundidas. É no nível do corpo que a mobilidade humana é produzida, reproduzida, e potencialmente, transformada (Cresswell, 2010).

Nos anos 2000, os estudos e as publicações tornam-se mais frequentes, a partir de perspectivas fenomenológicas do habitar (Pons, 2003), da ordem sensorial dos encontros turísticos. Houve um número especial sobre a temática na *Tourist Studies* (Estudos Turísticos), que ressaltou as relações irredutíveis entre corpo, subjetividade e espaço (Crouch & Desforges, 2003), periódico que, ao completar 20 anos, discute mobilidades alternativas significativas ao turismo em certos contextos – caminhar, pedalar, andar de carro e viajar de avião (Hannam et al., 2021), experimentando distintos graus de tecnologia envolvida, e mobilizando affordances ambientais. A perspectiva dos encontros turísticos também coloca em centralidade as corporificações (Crouch et al., 2001). Nesse cenário, a performance turística atua como prática geográfica de cada um dos sujeitos (Crang, 1999), individuais e/ou coletivos. Também, a natureza e experiência corporificadas dos distintos modos de viagem realizados por turistas são examinadas sob as MTs (Hannam, Butler, & Paris, 2014).

A virada performativa nos Estudos Turísticos, analisada posteriormente, é associada às corporificações: parte-se do princípio que o turismo é mais que ver e olhar, sendo também relevantes as práticas corporificadas que performam os lugares: sightseeing é uma das performances realizadas (Rickly-Boyd et al., 2014), e não mais a prática turística por excelência (Cohen & Cohen, 2017).

O enfoque das mobilidades turísticas – MTs - O turismo pode ser evocado entre os regimes de mobilidade atuais (Freire-Medeiros, Telles & Allis, 2018). As mobilidades são consideradas chaves ou lentes de leitura da sociedade contemporânea, especialmente nas suas configurações urbanas de um cotidiano turistificado (Allis, 2016). Se o Turismo é periférico nas Ciências Sociais,

o enfoque das mobilidades é um modo de colocá-lo no centro da vida social (Hannam, Butler & Paris, 2014), já que o fenômeno turístico “emerge de uma fusão de mobilidades fluidas e dinâmicas, materialidades encontros corporificados e afetivos” (Scarles, 2010, p. 905, tradução nossa). Em outros momentos, já se fez apreciação sobre as temáticas e a relevância da produção estrangeira em MTs (Kunz, 2015), não cabendo aqui refazer esse percurso; tampouco se pretende aqui percorrer os fundamentos da proposição de um ‘paradigma das novas mobilidades’ [PNMs], bem descrito por Sheller e Urry^{viii} (2006), mas apresentar ideias-chave desse ‘paradigma’, ou giro, no que concerne a compreender diferentemente o turismo, e como as performatividades são parte importante disso.

Nesse escopo de pensamento, viajar não é somente sobre chegar a um destino, mas refere-se a performances móveis, dentro de um destino, inclusive (Baerenholdt et al., 2004). Por um lado, o turismo passa a ser visto como uma parte de um conjunto vasto e heterogêneo de mobilidades globais, por outro, há que se examinar como diferentes mobilidades participam do turismo e vice-versa (Hannam, Butler & Paris, 2014). A concepção pós-moderna de de-diferenciação^{ix} faz romper algumas fronteiras antes claramente delimitáveis nos Estudos Turísticos, como entre: esferas de vida; trabalho e lazer; convenção e transgressão; mundano e extraordinário (MacCabe, 2005). Outras dicotomias ainda vigentes no Turismo, como ‘próximo’ e ‘distante’, têm sido relativizadas por tecnologias contemporâneas de informação e comunicação.

Além disso, é inócuo, em termos analíticos, a dicotomia entre turistas [dotados de mobilidade], e habitantes das destinações [limitados ao lugar de residência], concepção outrora reproduzida pela Antropologia (Salazar, 2012). É amplo o espectro de MTs contemporâneas, embora possam ser evidenciadas a partir de categorias-chave, como automobilidades [realização simultânea da autonomia e da mobilidade], materialidades^x [inertes ou em movimento] e tecnologias da informação e da comunicação [ausência-presença, proximidade-distância], necessárias aos fluxos de ideias, informações, finanças etc., para a mobilidade de mercadorias e de pessoas (Hannam, Butler, & Paris, 2014).

Se a mobilidade turística deixa de ocorrer, se o movimento cessa, os sítios turísticos cessam de sê-lo como tais (Allis, Moraes & Sheller, 2020), pois eles não são fixos ou elementos passivos, tampouco apartados daqueles que por ele passeiam; além do que, são reproduzidos e contestados através de seus usos e performances, não sendo, nesse caso, meros palcos para o turista (Larsen & Urry, 2011). Nessa concepção, o fenômeno do turismo se dá a partir da criação de lugares para o lazer, a recreação e o prazer, estimulando o movimento até tais sítios para

consumi-los; ao mesmo tempo em que os próprios lugares estão em movimento, assimilando novas formas, novos conteúdos e novos usos (Allis, Moraes & Sheller, 2020). Relevantes ao Turismo, as paisagens de férias são resultantes da interação entre elementos materiais, mentalidades e tecnologias de mobilidade e representação (Löfgren, 1999). As práticas móveis do turista são ainda consideradas atividade ainda marcadamente visuais, de caráter não universal, e pouco questionadas (Adey, 2010). Certas representações rastreiam, traçam e controlam mobilidades (idem), sendo fundamentais no contexto intelectual e prático da realidade construída do turismo (Urry, 1996).

TRAJETÓRIAS EM PERFORMANCE/PERFORMATIVIDADES TURÍSTICAS: CONCEITOS AINDA EMERGENTES EM MTs?

Com a de-diferenciação, já referida, uma série de regramentos, regulações, status e papéis são postos em xeque (Dann, 2002), com consequência sobre os ritmos, os alcances e a difusão de performances turísticas. Nota-se mudança da ênfase da permanência para o fluxo, do ser para o fazer, dos padrões sociais para seus processos de emergência, da vida social fixa para as mobilidades que as ligam (Cohen & Cohen, 2012b), fazendo com que as fronteiras entre o real e o virtual tendam a se dissolver. Sob um contexto da chamada 'crise de representação', há que reconciliar a estrutura social e a agência individual, assim como diferença e multiplicidade (Ateljevic, 2000; Lamers et al., 2017).

Enquanto as estruturas tendem a ter conteúdo normativo quanto às práticas espaciais, a agência dá margem ao imaginativo e à resistência por parte dos indivíduos. Por algum tempo, as corporificações foram marginalizadas quando comparadas a abordagens como a do texto-representação (Cohen & Cohen, 2012b). Houve mudança de entendimento, no sentido que retratar as mobilidades por meio de palavras pode apenas tocar uma franja da experiência, pois a capacidade de descrição verbal é limitada. Os movimentos, por sua vez, propiciam experiências que podem não ter significado fora do mundo das sensações e do movimento.

Nesse contexto, o giro performativo, juntamente com a teoria não representacional, muda o foco nas representações [imagem, texto e signos], cujo estudo tendia a tomar precedência sobre a experiência vivenciada e a materialidade (Cresswell, 2002; Urry & Larsen, 2011). Nos Estudos Turísticos o texto seminal é de Edensor (2001), que, antes mesmo da edição 3.0 do Olhar do Turista, foi o responsável por difundir a ideia de performances no Turismo, contribuído para a virada performativa, cujo termo é inspirado pela metáfora dramatúrgica Goffmaniana^{xi},

ênfatisando a natureza encenada e tematizada de muitos lugares turísticos, além das corporeidades roteirizadas e teatralizadas: profissionais do atendimento de turistas performam o produto turístico e mantêm scripts (Urry & Larsen, 2011), ou roteiros de [auto]apresentação.

Em uma concepção Goffmaniana, “os papéis tendem a desafiar um senso de identidade e individualidade para as pessoas, então a distância do papel^{xii} [de turista] torna-se meio de manter um sentimento de que experiências dos indivíduos são distintas de todos os outros ocupantes e jogadores de um papel” (MacCabe, 2005, p. 92, tradução nossa). Atualmente, os conceitos de turismo/turistas estão se tornando menos dependentes do movimento físico em si, e mais de um estado psicológico do ser (MacCabe, 2016). Ser turista, ou tornar-se um, pode ser interpretado pela adoção de uma atitude propriamente turística (MacCabe, 2016), ou pela tomada de uma posição de sujeito (Cresswell, 2010).

Cabe, aqui, uma pausa para refletir que a vertente moderada das performatividades tem inspiração no trabalho de Erving Goffman, enquanto os trabalhos iniciais em performatividade nos Estudos Turísticos tomam o palco no seu sentido mais literal (Cohen & Cohen, 2012b). Esse modo radical dá um passo para além de Goffman, partindo da noção de atos performativos de discursos, buscando redimensionar a performatividade para além dos enunciados, ao incluir atos simbólicos extralinguísticos. Esse modo foca em como os atos performativos ‘fazem coisas’, em que a realidade é um devir, e menos um reflexo da estrutura social. Destinos, atrações e eventos, então, tornam-se produtos dinâmicos de atos performativos do público, ‘nodos’ desses atos. Nesse contexto, também se rejeita a existência de uma identidade pessoal estável, sendo, ao contrário, possível performar selves múltiplos e cambiantes (Cohen & Cohen, 2012b). O self é um efeito dramático continuamente [re]criado em performances públicas (Urry & Larsen, 2011).

Sob o enfoque das MTs, e/ou no campo dos Estudos Turísticos, as influências desse giro performativo se dão por meio dos Estudos Culturais e as Teorias de Performance propriamente ditas. Assim, essa virada volta-se ao estudo dos atos e fazeres, mais do que propriamente das representações e significações [acabadas], na medida em que as próprias representações são consideradas performativas em si mesmas: imagens e narrativas conduzem performances no mundo; logo, a representação é um modo de prática (Edensor, 2007; Ingold, 2000; Larsen & Urry, 2011).

A performance é condição favorável à replicação de códigos culturais invisíveis [de classe, gênero, etnicidade, idade etc.], em que, para se tornar um membro a compartilhar uma cultura turística, há que se ajustar a certas normas e expectativas aparentemente naturais ou

irrefletidas em rituais normalizados, da ordem do habitual (Larsen & Urry, 2011b). As performances são evocadas como metáfora em meio à discussão da dialética produção-consumo; produtor e consumidor se alternam, em uma relação negociada (Salazar, 2012), simultaneamente, produto e produtor culturais, ou ainda, a distinção entre produção [coreografia] e consumo^{xiii} [representação] é pouco nítida, carecendo recorrer a um modelo de performance em circuito (Larsen & Urry, 2011, ver também Ateljevic, 2000), distinta da concepção inicial da performance presente no cenário de consumo turístico, apenas. Além disso, as performances turísticas surgem do conhecimento geográfico leigo/empírico, que conforma uma disposição participativa de influências representacionais e semióticas, por sua vez, mescladas ao conhecimento sensório, irrefletido e prático, [de]marcando os já referidos encontros turísticos (Crouch, 1999; Edensor, 2007).

Uma série de recomendações, quer dos guias de turismo, quer nos guias de viagens, impelem os turistas a se comportarem de modos específicos (Edensor, 2001; Larsen & Urry, 2011). Há orientações do *must-do* (deve fazer) em cada sítio turístico (Löfgren, 1999). E, se os cursos de ação pré-determinados não forem levados a cabo durante a viagem, uma suspeita é invocada de que o turista não a aproveitou adequadamente, ou, em outras palavras, de que performance turística foi deficiente, incompetente (Edensor, 2001; Kunz, Castrogiovanni & Pimentel, 2022). Nesse sentido, coações da interação face a face [mas não só], em que o ator se expressa, são responsáveis por transformar atividades em performances.

A vigilância [interna e externa], delimita um escopo para a performance, contribuindo para assinalar convenções sobre modos apropriados, de ser, estar ou tornar-se turista (Edensor, 2001; Goffman, 2014). Há recorrentes idealização e socialização da performance, a fim de esta ajustar-se às expectativas sociais (Goffman, 2014). Assim, o turista-*performer* está sujeito ao olhar disciplinador dos espectadores, que também são coparticipantes das práticas turísticas (Edensor, 2001). Contudo, embora possa ser aprendida, ensinada e regulada, a performance turística nunca é totalmente predeterminada – na medida em que os turistas encenam e inscrevem os lugares nas suas próprias narrativas (Larsen & Urry, 2011b) – fazendo acionar talentos, capacidades, valores e emoções (Lamers et al., 2017).

Em termos dos espaços turísticos^{xiv}, a performance turística é regulada em variados graus (Edensor, 2001). Os ‘palcos’ da performance turística podem ser enclaves [altamente prescritos e regulados] ou heterogêneos – diversamente definidos, com uma gama ampla de atividades a ocorrer (MacCabe, 2016). Assim, há locais, como os resorts, com ambientes tematizados e

design e layouts que incentivam convenções performativas compartilhadas do andar, do relaxar e do consumir; por outro lado, há turistas que buscam escapar desse ambiente que passou por curadoria, buscando espaços em que a apreensão sensorial é desafiada, intensificada, aguçada (Edensor, 2018).

Em termos de sujeitos envolvidos, recorre-se à ideia de performatividade, consequência da articulação das práticas, apresentando maior potência para abertura, elucidando como certos protocolos funcionam (Crouch, 2006). Nesse contexto, “mesmo a mais delineada performance social deve ser reencenada em diferentes condições e sua recepção pode ser imprevisível” (Edensor, 2007, p. 204, tradução nossa). Ressalta-se que a metáfora teatral é desenvolvida por Erving Goffman de modo a compreender as estratégias a partir das quais os sujeitos intentam legitimar sua identidade em momentos de interação (Andach, 2004). As identidades determinam, pelo menos em parte, as performances turísticas do modo como ocorrem (Edensor, 2001). Mesmo com performances de caráter dominante (regulado, dirigido, coreografado), pode haver sobreposição de performances com teores distintos, expressando diferentes disposições e identidades, de acordo com classe, gênero ou etnia, entre outros (Edensor, 2001; Lamers et al., 2017). Os turistas exibem identidades separando-se do Outro copresente (Larsen & Urry, 2011b).

Uma primeira tipologia de performance turística refere-se às performances orientadas por identidades, já que o turismo é veículo para a transmissão de identidade, mediante modos e estilos particulares de viagem. Como exemplo, podem ser citados mochileiros, bem como os circuitos off-road. Um segundo tipo é o das performances não conformistas, que buscam evitar a reiteração forçada das normas, fixadoras de significado, na medida em que as performances também oferecem uma maneira do qual dela se desviar, marcando a subjetividade, rebelando-se contra as convenções (Edensor, 2001; Kunz, Castrogiovanni & Pimentel 2022). Há, ainda, performances turísticas ‘cínicas’. O cinismo pode servir para isolar a personalidade do público – oscila-se entre cinismo e sinceridade. Não há perfeito ajuste entre uma performance e seu aspecto aparente, fazendo sobressair matizes no contínuo mentira-verdade (Edensor, 2001; Goffman, 2014).

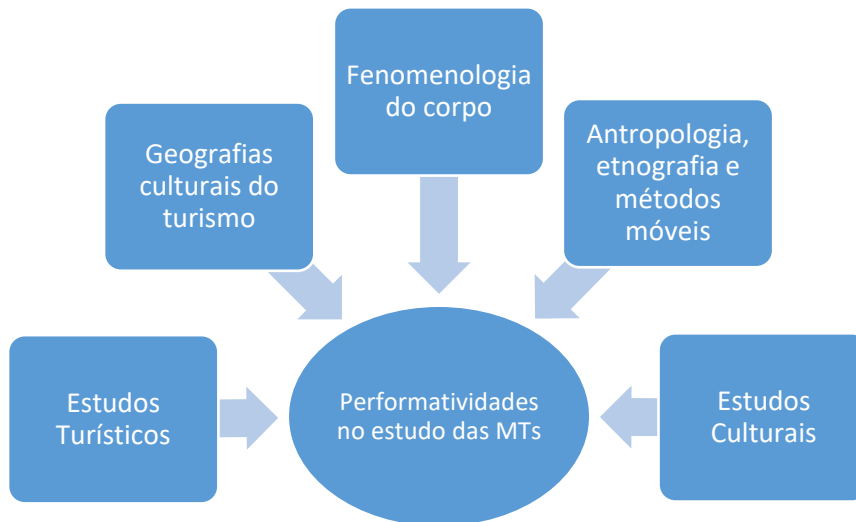
As performances turísticas improvisadas, por sua vez, partem do princípio que a performance normatiza, por meio de instruções que ofuscam suas contingências, dentre suas numerosas possibilidades. Os espaços podem não ser identificados como palcos demarcados, mas estar destituídos de pontos de referência que permitam coreografias particulares (Edensor, 2001).

Ainda, há performances involuntárias, em que nunca se pode prever com precisão como será lida; por fim, há performances pós-turísticas, como reflexão da natureza construída de um papel e a vontade de desafiá-la, sendo subversivas apenas de modo parcial, ao valerem-se das convenções turísticas (Edensor, 2001).

A perspectiva das performatividades relaciona-se com a base conceitual da autenticação, que se expressa em processo próprio da perspectiva das teorias contemporâneas^{xv} do Turismo. A pesquisa sobre autenticidade nos Estudos Turísticos tem deslocado o foco do que é autêntico [qualidade inerente de um objeto] em direção à produção social da autenticidade – autenticação (Cohen & Cohen, 2017). Enquanto a autenticação ‘fria’ tem caráter técnico-científico – em uma abordagem de cima para baixo, a partir de atos isolados de enunciação e afirmação –, a autenticação ‘quente’ pode legitimar de modo reiterado tal relação, ou ainda, romper com o proposto inicialmente (Cohen & Cohen, 2012a).

São identificadas, atualmente, pelo menos seis teorias, campos e disciplinas que têm se voltado ao estudo sistemático das mobilidades turísticas e colocando em relevo as performatividades como constituintes-chave das MTs contemporâneas [Figura 1].

Figura 1. Principais contribuições ao estudo das performatividades nas MTs



Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme se observa na Figura 1, o estudo das performatividades nas-das MTs configura-se como iniciativa transdisciplinar, para além da multidisciplinaridade, e da própria interdisciplinaridade, ao contribuir para a constituição de campos híbridos de investigação,

investindo conhecimento, teorias e metodologias de origens diversas, que, porém, convergem para a essa formulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: 'ARREMATAR' PARA (NÃO) CONCLUIR

De estudos inaugurais e pontuais nos anos 1990 (Veijola & Jokinen, 1994), passando por estudos seminais no final dessa década e início do século XXI (Edensor, 2001), sendo gradativamente incorporados nos estudos das MTs nas décadas dos 2000 e 2010 (Urry & Larsen, 2011), atuando decisivamente ampliação de estudos de corporificação no campo que se convencionou como Estudos Turísticos (Crouch & Desforges, 2003), sendo reconhecida como questão-chave na Sociologia do Turismo, juntamente a mobilidades e teoria do ator-rede (Cohen & Cohen, 2012b), até alcançar diversificação e constituição de um cluster/nó temático em tempos recentes na pesquisa em Turismo (Koseoglu et al., 2019), definitivamente um 'paradigma' associado e compatibilizado à teoria do OT (Larsen & Urry, 2011).

Entretanto, persiste o questionamento sobre se as performatividades, materialidades, entre outras, irão num futuro próximo substituir abordagens hegemônicas anteriores, como o OT e a autenticidade (Cohen & Cohen, 2017). Ainda, permanece o questionamento acerca dos futuros direcionamentos, teóricos e metodológicos, dos quais farão parte a performatividade turística. Assim como estudos iniciais privilegiaram os sujeitos visitados como *performers* por excelência, num segundo momento, as performances do turista foram destacadas. Atualmente, o desafio é tratar simultaneamente a performance turística, como a performance dos visitados [muitos dos quais, trabalhadores da cadeia produtiva], e a dos visitantes/turistas, assim como alguns trabalhos já tem indicado, embora de modo segmentado.

Nesse sentido, poucas tentativas têm sido feitas em empreender estudos conjugando o enfoque das mobilidades, a teoria do ator-rede e a perspectiva das performatividades, até o momento (Cohen & Cohen, 2017). Assim como a teoria das práticas, os estudos em MTs, em geral, e sobre performances turísticas, em particular, podem ser investigadas por meio de envolvimento de caráter etnográfico, sem pretensão de distanciamento ou parcialidade subjetiva (Lamers et al., 2017). Nesse contexto, reiteram-se semelhanças ou aproximações possíveis entre os paradigmas do olhar e da performance: eles podem 'dançar' juntos, em vez de se encararem a distância (Larsen & Urry, 2011).

Foi possível notar que o turismo é formado por performances, complexas e polissêmicas, em que turistas performam diferentes significados (Edensor, 2001): o turismo e os turistas podem

ser compreendidos pelas lentes das performatividades, embora não pareçam esgotar suas possibilidades. As performances indicam que, sujeitos usando a mesma infraestrutura turística, ou habitando os mesmos espaços turísticos, podem exibir uma ampla diversidade de motivações, desejos e significados atribuídos a suas práticas (MacCabe, 2016). As experiências turísticas dos ambientes lacustres, por exemplo, transitam entre práticas e representações de tais práticas, de caráter performativo (Kunz & Castrogiovanni, 2022), embora reconhecendo que há lacunas entre elas (MacCabe, 2005). Isso porque, assim como todas as atividades sociais, 'fazer turismo' pode ser aprendido, num processo de tornar-se turista (MacCabe, 2016).

O Turismo mostra-se como processo exemplar por meio do qual distintos modos de prática e performances de lazer são confrontadas (Crouch, 2006). Além disso, a performance do visitante/turista requer assumir um papel, renunciando a outros, do cotidiano, ou alternativamente, reforçando-os. Não nascemos turistas, mas nos tornamos um[a], em processos contínuos de [re]aprender a sê-lo. E, imbuídos do desempenho de papéis, os sujeitos da mobilidade turística podem conhecer a si próprios e aos demais, ao colocarem-se diante dos lugares, e noutra escala, diante do mundo.

A literatura estudada aponta para o amadurecimento, em países estrangeiros, da investigação e da conceituação das performatividades como chaves de leitura das MTs, enquanto no Brasil e na Ibero-América constituem ainda terreno fértil para a pesquisa socioantropológica e geográfica do turismo contemporâneo. Apesar de não ser de todo recentes, as performatividades turísticas configuram uma tendência nos estudos qualitativos (até o momento) em MTs, a contribuírem decisivamente para o escopo de discussão do turismo como fenômeno sociocultural complexo.

Assim, este trabalho representou um esforço teórico de trazer essa conceituação à discussão, cujo resultado é oferecido a pesquisadores brasileiros e ibero-americanos, especialmente aos já consolidados grupos e pesquisadores em MTs, não para reproduzir acriticamente seu conteúdo, mas para indagar, entre outros aspectos: Que performatividades são possíveis para o turismo no Sul Global? São contestadoras, conformistas? Como aprender a ser, ou a se tornar, um turista melhor? Haja visto que não há senso de permanência na classificação dos viajantes, turistas e/ou lazeiristas, quem se sente confortável na condição de turista, quem não, e por quê? Como se dá a ação social do turismo? Ao mesmo tempo, essa apresenta brechas para superação de alguns problemas sociais fundamentais? Como podem estar relacionados os regimes de visibilidade e os de mobilidade, na prática turística, que tem no ocular uma das possibilidades de experiência?

Regimes de visibilidade [ou escópicos], que perpassam regimes de MTs, podem ser ampliados, e constituírem em novos sensoriais do turismo? Urge a necessidade de pesquisas empíricas, especialmente no-do Sul Global, que utilizem a densa teorização sobre performatividades turísticas, a fim de compreenderem outros matizes de suas realidades turísticas, e quiçá, da vida social dos territórios, de sujeitos móveis, e outros, nem tanto. Futuros trabalhos poderão incorporar menções e aprofundamentos em torno do giro decolonial, Sociossemiótica, Estudos Feministas, Etnomedologia/teoria das práticas. Por delimitações de escopo, as identidades, ou identificações, não puderam ser aprofundadas aqui, embora também mereçam atenção.

REFERÊNCIAS

- Adey, P. (2010). *Mobility*. Londres: Routledge.
- Airey, D., Tribe, J., Beckendorff, P., & Xiao, H. (2015). The managerial gaze: The long tail of Tourism education and research. *Journal of Travel Research*, 54(2), 139-151. [Link](#)
- Allis, T. (2016). Em busca das mobilidades turísticas. *Plural*, 23(2), 94-117. [Link](#)
- Allis, T., & Moraes, C. M. & Sheller, M. (2020). Revisitando as mobilidades turísticas. *Turismo em Análise*, 31(2), 271-295. [Link](#)
- Andacht, F. (2004). A representação do self na obra de Goffman: sociosemiótica da identidade. In E. Gastaldo, (Ed.). *Erving Goffman: Desbravador do cotidiano* (pp. 125-146). Porto Alegre: Tomo.
- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo – Anptur (2022). *Anais... Seminário Anptur*. [Link](#)
- Ateljevic, I. (2000). Circuits of tourism: Stepping beyond the ‘production/consumption’ dichotomy. *Tourism Geographies*, 2(4), 369-388. [Link](#)
- Baehereholdt, J. O., Haldrup, M., Larsen, J., & Urry, J. (2004). *Performing tourist places*. Ashgate: Aldershot, Hants.
- Canavan, B. (2020). Let get this show on the road! Introducing the tourist celebrity gaze. *Annals of Tourism Research*, 82, 102898. [Link](#)
- Carvalho, C. D. (2011). Contribuições teóricas dos estudos de performance para a análise da dinâmica das relações entre turismo e cultura. *Turismo & Sociedade*, 4(2), 164-185. [Link](#)

Kunz, J. G. (2023). Revisitando performances como oportunidades para o estudo das mobilidades turísticas. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(4), 1085-1104. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i4p1085>

- Cilkin, R. E. & Cizel, B. (2022). Tourist gazes through photographs. *Journal of Vacation Marketing*, 28(2), 188-210. [Link](#)
- Cohen, E. & Cohen, S. A. (2012a). Authentication: hot and cool. *Annals of Tourism Research*, 39(3), 1295-1314. [Link](#)
- Cohen, E. & Cohen, S. A. (2012b). Current sociological theories and issues in tourism. *Annals of Tourism Research*, 39(4), 2177-2202. [Link](#)
- Cohen, S. A. & Cohen, E. (2017). New directions in the sociology of tourism. *Current Issues in Tourism*, 22(2), 153-172. [Link](#)
- Crang, M. (1999). Knowing, tourism and practices of vision. In D. Crouch, (Ed). *Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge* (pp.238-256). Londres: Routledge.
- Crang, M. (2007). Geografias culturais do turismo. In A. A. Lew, C. M. Hall & A. M. Williams (Eds). *Compêndio de Turismo* (pp. 97-108). Lisboa: Piaget.
- Cresswell, T. (2002). Landscape and the obliteration of practice. In K. Anderson, M. Domosh, S. Pile, & Thrift, N., (Eds). *Handbook of Cultural Geography* (pp. 269-281). Londres: Sage.
- Cresswell, T. (2010). Towards a politics of mobility. *Environment and Planning D: Society and Space*, 28, 17-31. [Link](#)
- Crouch, D. (1999). Introduction. In Crouch, D. (Ed). *Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge* (pp. 1-16). Londres: Routledge.
- Crouch, D. (2006). Geographies of leisure. In Rojek, C., Shaw, S. M., & Veal, A. J. (Eds). *A Handbook of Leisure Studies* (pp. 125-139). Londres: Palgrave MacMillan.
- Crouch, D., Aronsson, L., & Wahltröm, L. (2001). Tourist encounters. *Tourist Studies*, 1(1), 253-270. [Link](#)
- Crouch, D. & Desforges, L. (2003). The sensuous in the tourist encounter – Introduction: the power of the body in Tourist Studies. *Tourist Studies*, 3(1), 5-22. [Link](#)
- Crouch, D. & Lübbren, N. (2003). Introduction. In Crouch, D. & Lübbren, N. (Eds). *Visual culture and tourism* (pp. 1-23). Londres, Nova York: Berg.
- Dann, G. M. S. (2002). The tourist as a metaphor of the social world. In G. M. S. Dann (Ed.). *The tourist as a metaphor of the social world* (pp. 1-15). Londres: Cabi International.
- Edensor, T. (2001). Performing tourism, staging tourism: [Re]producing tourist space and practice. *Tourist Studies*, 1(1), 59–81. [Link](#)

Kunz, J. G. (2023). Revisitando performances como oportunidades para o estudo das mobilidades turísticas. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(4), 1085-1104. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i4p1085>

- Edensor, T. (2007). Mundane mobilities, performances and spaces of tourism. *Social & Cultural Geography*, 8(2), 199-215. [Link](#)
- Edensor, T. (2018). The more-than-visual experiences of tourism. *Tourism Geographies*, 20(5), 913–915. [Link](#)
- Edensor, T. & Falconer, E. (2012). Sensuous geographies of tourism. In J. Wilson (Ed). *The Routledge Handbook of Tourism Geographies* (pp. 75-81). Oxon, Nova York: Routledge.
- Franklin, A. & Crang, M. (2001). The trouble with tourism and travel theory? *Tourist Studies*, 1(1), 5-22. [Link](#)
- Freire-Medeiros, B., Telles, V. da S., & Allis, T. (2018). Apresentação: Por uma teoria social on the move. *Tempo Social*, 30(2), 1-16. [Link](#)
- Goffman, E. (2014[1959]). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Gomes, P. C. da C. (2013). *O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hannam, K., Butler, G., & Paris, C. M. (2014). Developments and key issues in tourism mobilities. *Annals of Tourism Research*, 44, 171-185. [Link](#)
- Hannam, K., Butler, G., Witte, A., & Zuev, D. (2021). Tourist's mobilities: Walking, cycling, driving and waiting. *Tourist Studies*, 21(1), 57-69. [Link](#)
- Ingold, T. (2000). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres, Nova York: Routledge.
- Kirillova, K., & Yang, I. C. M. (2022). The curse of conceptual research in tourism. *Annals of Tourism Research*, 93, 103368. [Link](#)
- Knudsen, D. C., Soper, A. K., & Metro-Roland, M. M. (2007). Commentary: Gazing, performing and reading: A landscape approach to understanding meaning in Tourism theory. *Tourism Geographies*, 9(3), 227-233. [Link](#)
- Koseoglu, M. A., Mehralitev, F., & Xaio, H. (2019). Intellectual connections in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 79, 102790, 1-15. [Link](#)
- Kunz, J. G. (2015). As mobilidades turísticas como objeto de pesquisa: Um panorama dos periódicos estrangeiros (2000-2014). *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 7(3), 377-391. [Link](#)

Kunz, J. G. (2023). Revisitando performances como oportunidades para o estudo das mobilidades turísticas. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(4), 1085-1104. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i4p1085>

- Kunz, J. G. (2021). *Paisagens e Turismo na-da Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai)*: Complexus de práticas e significados. Tese, Doutorado em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. [Link](#)
- Kunz, J. G. & Castrogiovanni, A. C. (2022). Experiências turísticas na-da Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai): Entre práticas e representações. *Turismo: Visão e Ação*, 24(2), 314-339. [Link](#)
- Kunz, J. G., Castrogiovanni, A. C., & Pimentel, M. R. (2022). Paisagens no Turismo: Entre os paradigmas do olhar e da performance. *Geografia – Londrina*, 31(1), 9-29. [Link](#)
- Lamers, M., Duim, R. v. d., & Spaargaren, G. (2017). The relevance of practice theories for tourism research. *Annals of Tourism Research*, 62, 54-63. [Link](#)
- Larsen, J. (2014). The Tourist Gaze 1.0, 2.0 and 3.0. In Lew, A. A., Hall, C. M., & Williams, A. M. (Eds). *The Wiley Blackwell Companion to Tourism* (pp. 304-313). West Sussex: Wiley Blackwell.
- Larsen, J. & Urry, J. (2011a). Gazing and performing. *Environment and Planning D: Society and Space*, 29(6), 1110–1125. [Link](#)
- Larsen, J. & Urry, J. (2021). *O Olhar do Turista 3.0*. São Paulo: Senac.
- Löfgren, O. (1999). *On Holiday: The history of vacationing*. Berkeley: University of California Press.
- MacCabe, S. (2005). ‘Who’s is a tourist?’: A critical review. *Tourist Studies*, 5(1), 85-106. [Link](#)
- McCabe, S. (2016). Tourist. In Adey, P., Bissell, D., Hannam, K., Meriman, P., & Sheller, M. (Eds). *The Routledge Handbook of Mobilities* (pp. 349-357). Londres, Nova York: Routledge.
- MacCannell, D. (2001). The tourist agency. *Tourist Studies*, 1(1), 23-37. [Link](#)
- Pimentel, M. R. & Castrogiovanni, A. C. (2015). Geografia e Turismo: Em busca de uma interação complexa. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 7(3), 440-458. [Link](#)
- Pons, P. O. (2003). Being-on-holiday: tourist dwelling, bodies, and place. *Tourist Studies*, 3(1), 47-66. [Link](#)
- Publicações de Turismo (2022). *Busca*. [Link](#)
- Rickly, J. M. (2022). A review of authenticity research in Tourism: Launching the Annals of Tourism Research curated collection on authenticity. *Annals of Tourism Research*, 92, 102349. [Link](#)

Kunz, J. G. (2023). Revisitando performances como oportunidades para o estudo das mobilidades turísticas. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(4), 1085-1104. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i4p1085>

- Rickly-Boyd, J. M., Knudsen, D. C., Braverman, L. C., & Metro-Roland, M. M. (2014). *Tourism, performance and place: a geographic perspective*. Nova York: Routledge.
- Rink, B. (2017). The aeromobile tourist gaze: understanding tourism from 'above'. *Tourism Geographies*, 19(5), 878-896. [Link](#)
- Salazar, N. (2012). Tourism imaginaries: A conceptual approach. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 863-882. [Link](#)
- Scarles, C. (2010). Where words fail, visuals ignite: Opportunities for visual ethnography in tourism research. *Annals of Tourism Research*, 37(4), 905-926. [Link](#)
- Scarles, C. (2014). Tourism and the visual. In Lew, A. A., Hall, C. M., & Williams, A. M. (Eds). *The Wiley Blackwell Companion to Tourism* (pp. 325-335). West Sussex: Wiley Blackwell.
- Samarathunga, W. H. M. S. & Cheng, L. (2021). Tourist gaze and beyond: State of the art. *Tourism Review*, 76(2), 344-357. [Link](#)
- Seamon, D. (1980). Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In Buttimer, A. & Seamon, D. (Eds). *The human experience of space and place* (pp. 148-165). Nova York: St. Martin's Press.
- Sheller, M. & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 38(2), 207-226. [Link](#)
- Urry, J. (1996[1989]). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel.
- Urry, J. (1999). Sensing leisure spaces. In Crouch, D. (Ed). *Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge* (pp. 34-45). Londres: Routledge.
- Urry, J. & Larsen, J. (2011). *The Tourist Gaze 3.0*. Londres: Sage.
- Urry, J. & Larsen (2021). *O Olhar do Turista 3.0*. São Paulo: Sesc.
- Vaninni, P., & Stewart, L. M. (2016). The GoPro gaze. *Cultural Geographies*, 24(1), 149-155. [Link](#)
- Veijola, S. & Jokinen, E. (1994). The body in tourism. *Theory, Culture & Society*, 11(3), 125-151. [Link](#)
- Wylie, J. (2007). *Landscape*. Londres: Routledge.

NOTAS

- ⁱ O artigo foi reconhecido como o melhor trabalho da Divisão Científica Sociedade e Cultura no XX Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – Anptur, realizado em Niterói-RJ, Brasil, entre 20 e 22 de setembro de 2023.
- ⁱⁱ A palavra pode ser traduzida para o Português, como desempenho, realização ou apresentação, a depender do contexto de enunciação.
- ⁱⁱⁱ De modo menos focalizado no Turismo, aparecem trabalhos sobre desempenho em jogos eletrônicos como componente do lazer, a performatividade virtual na área de Gastronomia, ou ainda, as cerimônias olímpicas como palco da representação de identidades nacionais.
- ^{iv} Conforme leitura proposta por Bianca Freire-Medeiros, na apresentação da edição brasileira de *O Olhar do Turista* (Urry & Larsen, 2021).
- ^v Convenção psicofisiológica e estético-cultural do olhar, que permite visualizar qualidades tridimensionais em uma base bidimensional (a tela pintada, a fotografia etc.).
- ^{vi} São regimes de verdade em visão Foucaultiana, os quais referem-se a “quem está autorizado a falar, o tipo de discurso que é aceito como verdadeiro” (Gomes, 2013, p. 52).
- ^{vii} A versão 1.0 explorou a ordem discursiva do olhar turístico, de perfil Foucaultiano. A 2.0 se voltou ao ordenamento global desse olhar, e o 3.0, finalmente, acrescentou aspectos do ordenamento corpóreo do OT (Larsen, 2014).
- ^{viii} Contudo, convém sublinhar que o sociólogo John Urry (1996-2016) redirecionou seus estudos iniciais do Turismo (Urry, 1996) para um conjunto de mobilidades mais amplas, quase que simultaneamente recorrendo à abordagem das performances, juntamente a outros colegas.
- ^{ix} Os pensamentos e as relações expressos de modo binário foram longamente sustentadas como estruturas escondidas do mundo social (Cohen & Cohen, 2017).
- ^x Referem-se a objetos e tecnologias, de toda ordem, cruciais para fazerem as performances turísticas acontecerem, na medida que estendem a capacidade dos corpos, permitindo-lhes realizar novas tarefas e sentir novas realidades (Urry & Larsen, 2011).
- ^{xi} Erving Goffman (1922-1982) é o cientista social considerado fundador do campo de pesquisa microssociológico, inspirado pelos pensadores Durkheim, Simmel e Mead (interacionismo simbólico) – ver Andacht (2004).
- ^{xii} No original, “*role distance*”.
- ^{xiii} Nesse sentido, Crouch (1999) considera preferível adotar o termo “práticas” a consumo: embora esta seja ferramenta teórica útil, pode ser insuficiente no estudo espacial do turismo, já que a abordagem produtivista atribui pouco à agência do sujeito-turista, em sua performance e expressividade.
- ^{xiv} As performances determinam, em parte, os lugares turísticos tais como eles serão (Edensor, 2001). Reitera-se o já bastante conhecido escrutínio de performances turísticas a que chegou Edensor (2001), e que (ainda) se aplica a outros ambientes (Kunz, 2021).
- ^{xv} Para ver em detalhe, buscar a recente edição especial da *Annals of Tourism Research* (Anais da Pesquisa em Turismo) sobre autenticidade no Turismo (Rickly, 2022). Não se pretende aqui abrir essa discussão, que se encontra em ainda em curso.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 26 jun. 2023

Aceito: 24 nov. 2023